O a(u)tor e suas "interversões" em *Retrato desnatural*, de Evando Nascimento

Fabíola Padilha[1]

Entra em cena
o Grande A(u)tor
porta máscaras
uma sob a outra.
Evando Nascimento

Escrevo como quem pinta no avesso da tela, para me apagar
por trás do autorretrato abstrato.
Evando Nascimento

Sobre as dobras de uma transparência apenas sugerida, a evocar um levíssimo *voile* branco flagrado em pleno movimento, lemos em destaque o título *Retrato desnatural* (*diários - 2004 a 2007*). Acima, o nome do autor: Evando Nascimento. Abaixo, a diminuta rubrica: ficção. As letras em preto emergem num discreto autorrelevo, só perceptível ao toque. A experiência sensorial com o livro fornece a senha, franqueando a expedição pelo corpo que se dá a ler na superfície, ali mesmo onde sua silhueta se desenha e adquire estofo. Não é, portanto, *sob*, mas sim *sobre* as curvas sinuosas do diáfano tecido que se inscreve o que deseja o ávido *voyeur* – a revelação da intimidade do autor –, ao ser atraído pela promessa de confissão embutida no gênero posto entre parênteses: diários. A personalidade que instantaneamente parece então se desvelar adverte: "Não procurem nada atrás de meus escritos, 'eu' se existir estou todo neles, bem à tona" (Nascimento, 2008, p. 138). Apresentada sob suspeição, a existência do sujeito que se oferece ao leitor é condicionada à corporeidade da letra. Ali, onde esperaríamos encontrar a alma que anima a voz – o sopro originário que embala a crença no ser uno –, vemos assomar a ausência de toda origem: corpo sem causa, como água sem minadouro. Corpo só voz. Corpo só corpo.

A letra-corpo, que fundamenta a existência hipotética do sujeito ("se existir"), problematiza o binômio vida e escrita, ao ponto mesmo de redimensionar, esgarçando os limites de sua compreensão, o que hoje, conforme proposta de Evando Nascimento. em seu texto "A cor da literatura:

[1] Doutora em letras. Professora adjunta do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória (ES), Brasil. E-mail: fabiolapadilha@uol.com.br.

teoria da literatura e crítica cultural" (2009), se alberga sob o termo "literatura". E sinaliza, assim, uma ressemantização tributária, em alguma medida, da concepção barthesiana de texto *escrevível*, ou seja, de leitura como reescrita, com base no pressuposto de que o *escrevível* é dotado de valor, assim justificado, convém lembrar, pelo próprio Barthes: "Porque o que está em jogo no trabalho literário (da literatura como trabalho) é fazer do leitor não mais um consumidor, mas um produtor de texto" (Barthes, 1992, p. 38).

A afinidade com o legado barthesiano no que concerne à preconizada *atividade* da leitura é declarada no citado texto de Evando, com o intuito de refletir sobre as condições de sobrevivência do literário na contemporaneidade:

> Com efeito, é o valor inventivo do literário, relacionado até certo ponto ao que Roland Barthes chamou de *escrevível*, que defendo como sobrevida, ou melhor, supervivência do literário neste novo milênio. A literatura sobrevive e vai além na deriva de suas leituras, que potencialmente se dão como novas escritas, novas inscrições de rastros, afetos, contatos, experimentações. Se não há literatura em si, é porque esta depende sempre do modo como poderá ser lida e interpretada nos tempos vindouros. A melhor literatura é voltada ao porvir, é feita de livros por vir, aqueles que começam a ser escritos mentalmente no ato da leitura (Nascimento, 2009, p. 72).

A defesa desse posicionamento, plenamente assumido por Evando, atravessa de ponta a ponta *Retrato desnatural*. No verbete "partida", por exemplo, o autor escreve: "na literatura/na vida, ficção ou ensaio, só conta o reescritor. escrever é reescrever desmesuradamente, ou ainda, noutro plano, *transcrever*, escrita sobre escrita. o reescritor é também transcritor" (Nascimento, 2008, p. 146)[2].

Composto de poemas, verbetes, aforismos, microensaios, *e-mails* e registros diaristas, comportando, enfim, textos de variadas formas, seguidos ou não de data – acompanhados, em certos casos, da indicação de horas, minutos e segundos, em outros casos de uma total imprecisão temporal,

---

[2] O processo de reescrita em *Retrato desnatural* emerge não só como defesa de um princípio assumido pelo autor e/ou como produto acabado do procedimento adotado, mas assoma ainda como demonstração de sua laboriosa *artesania*, no ato contínuo de escrever e reescrever, ao escancarar para o leitor seu *modus operandi*, como vemos no verbete "mudança", em que o autor nos revela: "por sugestão de nl*, retirei *(escrever/esquecer)* de 'narciso (partido)'. ficaram as marcas da supressão, um lapso a mais" (Nascimento, 2008, p. 155). Essa passagem remete, como indica o autor, ao poema da página 53, em que a aludida supressão acatada comparece inscrita da seguinte maneira: "(...../.....)" (Nascimento, 2008, p. 54), fixando-se como rastro que manifesta a ambivalência de sua presença/ausência.

alguns recebendo ainda o dado localista onde supostamente foram gerados –, o livro de Evando pode ser visto como uma espécie de itinerário das leituras empreendidas pelo autor, em suas incontáveis incursões pelas mais diversas manifestações culturais brasileiras e estrangeiras (estão aí presentes, por exemplo, a literatura, as artes plásticas, o cinema, o teatro), submetidas ao crivo de suas agudas reflexões. Destas faz parte também um profícuo diálogo com a filosofia ocidental, sobressaindo, no exame crítico vertido no curso das expedições pelo texto do outro, um olhar *desconstrutor* que culmina no movimento radical de expropriação do sujeito cartesiano e indiviso: "Nas séries do século 21, ainda por vir, o eu poderá ser tomado como um qualquer objeto, por isso digo que 'o eu é meu' mas também o eu é nosso, deles, vosso e de quem mais quiser expropriar" (Nascimento, 2008, p. 137).

Importa salientar, contudo, que a relação com o texto do outro, aqui depreendida, não se reduz a um mero jogo intertextual, que redundaria na exposição narcísica da espantosa erudição do autor. A operação de reescritura levada a cabo por Evando ao lidar com as múltiplas referências da cultura ocidental desdobra-se naquilo que Derrida nomeia "contra-assinatura", promovendo a redivisão do traço do texto do outro com a finalidade de repeti-lo *de outra maneira* (p. 301). Como explica Evando:

> O que dá vez a uma obra literária é um arquivo, informado e informante, de um jogo e suas regras, por natureza, inacessíveis. Todavia, no próprio processo de inscrição por assim dizer idioletal, desde sempre um traço se divide e ao se dividir abre a possibilidade de acesso como repetição noutro lugar. Com a divisibilidade e a iterabilidade do traço começa a aventura da leitura, suplementar da aventura primeira, a da escrita, que, por sua vez, tinha-se dado em algum momento também sob a forma da leitura. Derrida reserva o nome de *contra-assinatura* para esse movimento de *recepção* do traço na produção de um outro texto (Nascimento, 1999, p. 300).

A contra-assinatura de Evando expõe a voracidade com que incorpora profusos eus entremeados na sua escrita: Peter Greenaway, Fernando Pessoa, Lygia Clark, Andy Warwhol, Antonio Cicero, Kafka, Duchamp, Beckett, Pasolini, Nietzsche, Bandeira, João do Rio, Baudelaire, Picasso, Bergman... São eus que povoam uma lista, de resto, interminável e heteróclita – presenças que o autor transfigura numa verdadeira tripulação de argonautas partindo à bolina:

> quando alguém escreve, há sempre outra pessoa escrevendo com ele por sobre os ombros, quando alguém pinta (...), há sempre um

> outro, quando alguém dirige, navega, etc. em suma, nunca se está só numa embarcação. há sempre outras mãos, pernas, braços sobrenavegando, dirigindo, desenhando pintando, escrevendo. redigir, traçar, *decompor* seria, pois, buscar companhias a bordo de um navio fantasma (Nascimento, 2008, p. 158).

Se é a si mesmo que pinta, conforme assegura, ao anunciar "estou tentando pintar a mim mesmo" (Nascimento, 2008, p. 283), retomando em nova clave a iniciativa inaugurada por Montaigne – que, aliás, comparece numa das duas epígrafes do livro –, o movimento de autoconstrução pictórica rechaça qualquer fundamento totalizante como escopo. A letra cose o corpo, *bordado* de múltiplos *corpora* que, todavia, ao fim e ao cabo, não emolduram uma definitiva forma, nem encerram derradeiros contornos, porquanto, assevera Evando, "todo retrato de si é um retrato de cego, tateando impalpabilidades" (p. 285).

Sem motivações teleológicas, nesse retrato de si não cabe nenhuma síntese dialética. Portanto, trata-se aqui mais do que da *performance* de *um* sujeito que se expõe, pois o que está em jogo é, afinal, outro tipo de cena performática: precisamente, a que se oferece como impossibilidade de constituição plena do sujeito – a suprema incompletude e a precariedade que impedem sua ancoragem, condicionando-o a uma permanente infixidez, "pedaços talvez de uma vida que se faz de instantâneos", como afirma a outra epígrafe do livro. Retalhos que não alinhavam um original disperso, estilhaçado, razão pela qual o gênero diário, que figura entre parênteses no título, rompe a ilusão que conduziria a um (im)provável conhecimento de si, como se um si incólume pudesse aguardar o descortino de um segredo longo tempo preservado.

A escrita do diário enseja o esforço demiúrgico de reter o tempo com a solda dos dias. Contra toda *evanescência*, contra todo esquecimento capaz de dissolver o fulgor de um gesto, o arrebatamento de uma mágoa, o átimo de uma alegria, o diário expressa a "mais-valia" do vivido, uma espécie de suplemento a garantir compulsoriamente a permanência dos rastros, a sobrevida dos "restos" (título, aliás, dado por Evando ao último capítulo de seu livro). Nas palavras de Leonor Arfuch: "O diário cobiça um excedente, aquilo que não é dito inteiramente em nenhum outro lugar ou que, assim que é dito, solicita uma forma de salvação. De alguma maneira contém o sobrepeso da qualidade reflexiva do viver" (Arfuch, 2010, p. 145).

A obediência ao calendário, única cláusula a ser respeitada pelo diarista, como nos lembra Blanchot (2005, p. 270), inscreve a vida num circuito imperturbável e quimérico de ordenação forjada. Se por um lado a

escrita do diário, com seu caráter inatual, com sua cabal impossibilidade de representar o vivido, impedindo a sua dispersão, não retém o tempo passado, não captura aquele que se imagina ter sido ao passar em revista o dia, por outro lado, o sujeito que se desenha na escrita é sempre um outro vicariante, uma espécie de expediente que, ao mesmo tempo em que assinala a não coincidência entre os sujeitos em causa (o que viveu e o que escreve), potencializa a ambivalência de presença e ausência que sedimenta a grafia de si. Escrever-se é outorgar a falta, arriscando-se à inescapável expropriação, como reconhece Evando ao sublinhar: "O eu é incrivelmente diviso, um tanto suspenso de si, eu sou quem não sou, mesmo e outro" (Nascimento, 2008, p. 167).

O autor afasta-se assim da "escrita *da* vida", que remeteria à concepção puramente mimética da literatura, para aproximar-se daquilo que Barthes denominou de a "escrita *de* vida", mostrando que a escrita engendra a vida, ao invés de querer apenas emulá-la. Escreve Barthes:

> O princípio novo que permite essa nova escrita (a escrita de vida) = a divisão, a fragmentação, ou até mesmo a pulverização do sujeito. (...) Essa divisão é o desvio, a volta necessária para reencontrar uma adequação, não da escrita com a vida (simples biografia), mas das escritas e dos fragmentos, dos planos de vida. (...) Escrita de Vida = quanto mais a escrita e a vida se fragmentam (não buscam unificar-se abusivamente), mais cada fragmento é homogêneo (Barthes, 2005, p. 172-173).

Esse processo de fragmentação, para o qual concorre a atuação de vários eus assumidos pelo sujeito, é tematizado ironicamente em *Retrato desnatural* num de seus "restos", na forma de sucessivas indagações, que dramatizam, de modo bem-humorado, o espaço vacante legado pela ideia de consciência unívoca:

> mas quem assina mesmo este falso e doido diário? quem guarda este arquivo desde sempre arrombado, corroído pela falta de medida, a ausência de fronteiras entre o conteúdo e o continente (o fora é aqui dentro e o que está dentro também se encontra fora)? os dejetos de lembranças que nenhuma memória conserva, antes apaga trai distorce o sido e o vivido? quem enuncia esta fala, qual narrador personagem eu lírico colírico translírico acrílico? (Nascimento, 2008, p. 371).

A indissociabilidade de vida e escrita identificada na obra de Evando é consubstancial à defesa da natureza ficcional do diário, esse que é, na

concepção mesma do autor, "o gênero dos gêneros" (Nascimento, 2008, p. 159). Sem dispensar seu componente *vital*, o autor aproxima o diário de certa noção de literatura que concebe, da qual não está excluída a dimensão do vivido, desse modo ratificando, uma vez mais, a problematização do binômio vida e escrita, apontada, como vimos, desde o título de seu livro. Num de seus "microensaios", alterando a função sintática da palavra "diário", Evando considera que

> tudo no fundo é *diário* (uso o termo desta vez em função adjetiva), datado e assinado, nos melhores casos transfigurado. também nesses melhores casos, a reinvenção traz a marca do vivido, aquilo que ninguém mais, em tempo nem lugar algum, pôde viver. só eu, ali e então, experimentei, capturei, consignei, em data e local únicos. por isso também a literatura seria das espécies de discurso aquela que mais pensa a si, como se precisasse o tempo todo voltar ao local do crime, entender o que se passou em tal ou qual circunstância. o registro absoluto fracassa, e o que sobra são rastros insuficientes da experiência única, a serem interrogados pelo resto dos tempos (Nascimento, 2008, p. 334).

Nesse sentido, sendo a escrita um ato sempre datado e assinado, gravando em cada letra a sucessão dos dias (*risco* inexorável, numa *espaci-temporalidade* única), o registro do vivido, no diário, poderia até mesmo dispensar a única cláusula, referida por Blanchot, a que se subordina o gênero, ou seja, a indicação precisa da data, referência que radica a experiência na artificial cadeia ordenadora dos acontecimentos, facultando-lhes uma dúplice patente: uma condição de existência e uma irrevogável finitude, já que assinalar uma data é recordar a passagem do tempo, como se fosse a própria voz do "hierático e soberbo" pássaro de Poe a nos repetir incansavelmente o ritornelo: "Nevermore". A ausência de data não anularia, pois, o imperativo irretorquível de Chronos em seu fatal anelo, como constata Evando, num dos "pedaços" intitulados "cinzas (datação)":

> até mesmo o s/d consigna data. talvez até mais que a data atestada, porque em sua anacronia sela em definitivo o tempo inatual do evento, quando a coisa veio à tona sem apelo ou condição, crua, nuíssima. *cripta*. o s/d no fundo assina mais que o c/d, ou seja, quer dizer, noutras palavras, aliás, e assim por diante, etc. tem-se aí o caleidoscopismo fractal, a prosopopéia de todos e cada um, o mapa geral das horas e dias, desde sempre (Nascimento, 2008, p. 90).

Em sua cartografia temporal, os copiosos eus que integram a confecção de seu autorretrato, resíduos deixados pelo outro em si, performam a imagem exata de sua inata "movência" – pantomimas do a(u)tor a exibir suas múltiplas "interversões", redefinindo a tarefa mesma de autoengendramento pela escrita, ao postular que "tudo então são ficções diárias, ou seja, *infixões*, deslizes, rolagens de um eu e seus outros. até onde" (Nascimento, 2008, p. 160). Singulares *snapshots* a ostentarem para nós, leitores/espectadores, sua única face possível: um *retrato desnatural*.

Referências

ARFUCH, Leonor (2010). *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ.

BARTHES, Roland (2005). *A preparação do romance*. v. 2. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (1992). *S/Z*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BLANCHOT, Maurice (2005). *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes.

NASCIMENTO, Evando (1999). *Derrida e a literatura*: "notas" de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. Niterói: EdUFF.

_____ (2008). *Retrato desnatural (diários – 2004 a 2007)*. Rio de Janeiro: Record.

_____ (2009). "A cor da literatura: teoria da literatura e crítica cultural". In: GONÇALVES, Ana Beatriz; CARRIZO, Silvina; LAGE, Verônica Coutinho (Orgs.). *Literatura, crítica e cultura III*: interfaces. Juiz de Fora: EdUFJF.

Recebido em dezembro de 2011.
Aprovado em março de 2012.

resumo/abstract

O a(u)tor e suas "interversões" em *Retrato desnatural*, de Evando Nascimento

Fabíola Padilha

Busca-se empreender uma leitura do livro *Retrato desnatural (diários - 2004 a 2007)*, de Evando Nascimento, publicado em 2008, observando-se no *modus operandi* dessa escrita que se alberga sob a rubrica ficção a maneira como o autor, em consonância com a noção de "texto escrevível", de Roland Barthes, entretém um diálogo com diversas linguagens artísticas (artes plásticas, música, teatro, cinema, literatura), bem como com a filosofia ocidental. Será verificado também que esse diálogo, por sua vez, desemboca na ideia de expropriação do sujeito, uma vez que o autor reconhece, sob a marca do "próprio", os inúmeros rastros deixados pelo outro em sua escrita. Os copiosos eus que integram a confecção de seu autorretrato,

vestígios deixados pelo outro em si, compõem a imagem exata de sua inata "movência" – pantomimas do a(u)tor a exibir suas múltiplas *interversões*, redefinindo a tarefa mesma de autoengendramento pela escrita, ao postular que "tudo então são ficções diárias, ou seja, *infixões*, deslizes, rolagens de um eu e seus outros. até onde" (Nascimento, 2008, p. 160). Singulares *snapshots* a ostentarem para nós, leitores/espectadores, sua única face possível: um *retrato desnatural*.

Palavras-chave: *Retrato desnatural*, Evando Nascimento, *performances*.

The actor/author and his "interversions" in *Retrato desnatural*, by Evando Nascimento

Fabíola Padilha

This paper aims at proposing a reading of the supposedly fictional book *Retrato desnatural (diários – 2004 a 2007)*, by Evando Nascimento, published in 2008, by observing the way through which the author, in consonance with the notion of "writable text" by Roland Barthes, entertains a dialogue with diverse artistic languages (plastic arts, music, theater, cinema, literature) as well as with the western philosophy. It will also be verified that this dialogue, on its turn, flows into the idea of expropriation of the subject, since the author recognizes, under the sign of the "self", the innumerable traces of the others in his writing. The copious "*mes*" that integrate the manufacturing of the self-portrait, vestiges left by the other in the self, compose an exact image of his innate movability – pantomimes of the author/actor exhibiting multiple *interversions*, redefining the task of self-reengendering through writing, by postulating that "everything then are daily fictions, that is, *infictions*, slips, rollings of an I and its others. Until when." (Nascimento, 2008, p. 160). Singular snapshots showing us, readers/spectators, their only possible face: an unnatural portrait.

Keywords: *Retrato desnatural (diários - 2004 a 2007)*, Evando Nascimento, performances.